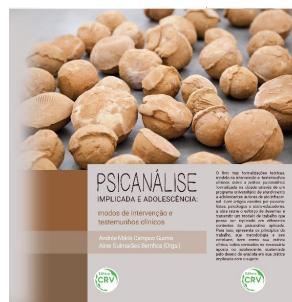


## Ato, sujeito e...



### Referência

Vieira, M. A. Ato, sujeito e... In *Psicanálise implicada e adolescência: Modos de intervenção e testemunhos clínicos*. EDITORA CRV. Rio de Janeiro, 2020.

[Capa e índice](#)

### Marcus André Vieira

#### (Comentário de caso)

*Tem sempre um ponto cego que a gente não sabe bem onde está.*

|

Boa tarde. Agradeço o convite que me deixou feliz por poder estar com vocês neste trabalho. O material que recebi me interessou muito, me ajudou. Gostaria de cumprimentar os autores, os textos estão muito claramente estruturados e apresentados.

Antes de mais nada quero destacar a opção metodológica de vocês de produzir dois textos, de ângulos bem diferentes, sobre situações distintas, da mesma pessoa. Muito rico e deu o que pensar. João é o mesmo indivíduo, mas podemos considerar que é o mesmo sujeito em cada texto? Ou os dois pontos de vista seriam tão distintos que teríamos que considerar dois sujeitos e não um só? Veremos.

Essa pluralidade de olhares, me fez retomar a indicação de Lacan sobre o catálogo e o análogo. Então, rapidamente, antes de falar do João, quero falar disso.<sup>1</sup>

Quando a gente tem que falar de alguém sem saber bem qual é o problema, acontece na clínica, não é, o que fazer? Tem sempre um ponto cego e a gente não sabe bem onde está ou até mesmo o que é. É outro nome para o que chamamos sujeito, um ponto cego na

---

<sup>1</sup> Intervenção no evento *Adolescências em tempos de guerra – V – seminário clínico*, na Associação Mineira do Ministério Público, Belo Horizonte, 30 de maio de 2014.

narrativa. E a coisa se complica quando em instituição estamos diante de uma diversidade de relatos e narrativas mais ou menos articuladas. Com relação ao sujeito em uma experiência assim, Lacan destaca que a gente tende a seguir dois caminhos, o que ele chama de *análogo* e outro de *catálogo*.

A “via do catálogo”, como ele diz, é a seguinte, todo mundo fala um pouquinho a partir de seu olhar, do ponto de vista de sua formação ou especialidade profissional, do que é o sujeito. Quanto mais falas, quanto maior o inventário de perspectivas, mais a gente tem a impressão de ter acumulado saberes e conseguido dizer alguma coisa do fulano que ainda não tinha sido dita.

O análogo já seria o seguinte: cada um diz como entende aquele sujeito, como ele é, já trazendo uma comparação com outro caso, ou com uma ideia da teoria ou visão de mundo de sua especialidade: ele é neurótico assim assado, por exemplo. Assim, ficam lado a lado descrições, a princípio todas análogas, porque todas falando de um jeito diferente sobre a mesma coisa. E vamos, por analogia, ganhando a impressão de que, por ouvir quem ele é em várias línguas, chegamos mais perto dele.

Nos dois caminhos há perigo. Não é para acreditar demais nisso. Fazer um catálogo pode ser só uma coleção de modos de chegar a um ponto de não-saber, mas sem ganhar nada sobre ele. E no análogo aprendemos várias línguas, mas não a língua própria do sujeito em questão.

É difícil! Com isso em mente, li os dois textos sobre o João. A metodologia de dois casos sobre o mesmo indivíduo poderia correr os riscos do catálogo e do análogo sem grandes vantagens, sem que a gente conseguisse encontrar o João no meio. Imagino que vocês podem pensar várias situações na prática em que acabamos fazendo isso, principalmente em grandes equipes, mas não tive essa experiência com os dois textos, não tive essa impressão, de que o João dos textos seria uma espécie de Frankenstein. Alguma coisa ali deu certo.

Lacan propõe uma terceira via, que ele chama de “via da chave”, mas não explica, só diz que “chave” é o que abre portas até então fechadas. Então, tive a impressão de que uma coisa a mais apareceu, a chave, vou tentar mostrar isso.

São dois textos de espaços bem definidos, o institucional e o pessoal. Não digo público e privado, ou universal e particular, porque fica parecendo que o sujeito só estaria no particular. Nada disso, o relato da posição institucional, é o da posição institucional do sujeito. É delicado, subjetivo, mesmo colocando em cena o tempo todo o olhar da instituição. O segundo, o do “terapeuta”, é a posição do sujeito no relato de si mesmo que o encontro com o convite da terapeuta produz. Como é mais o encontro entre os dois, neste relato o sujeito aparece como caindo de paraquedas, sem tanto seu percurso como pessoa no coletivo, o que dá um efeito de *flash*, um pouco diferente do efeito panorâmico do outro. Mas nos dois há sujeito.

Começo pelo João de Cristiane e Cristiene, o que inclui o olhar do coletivo institucional. Escolhi um ponto de partida, um paradoxo que é apontado sobre a medida de internação. A frase é “o atendimento socioeducativo se pauta em um conjunto articulado de ações que tem como objetivo ofertar maiores possibilidades de enlaçamento social”.

Não poderia ser um paradoxo? Como você tira alguém de circulação para lhe dar mais lugar no laço social? Como você prende, reduz a liberdade de ir e vir, para aumentar as possibilidades de enlace?

Esse é o paradoxo com que vocês todos terão que conviver em um clima mais ou menos agressivo: João está aqui, ao menos no sendo comum, para perder e não para ganhar. Mesmo para um senso comum mais esclarecido, que não trabalha com a ideia de castigo, João está na instituição para se separar, para romper. Num segundo momento, aparece a ideia de que exatamente no lugar em que os laços anteriores serão rompidos, serão produzidos novos e esses serão melhores.

Talvez por isso os dois textos funcionaram, para mim, funcionaram. Todos estão atentos para esse paradoxo, para o espaço desse paradoxo e para o fato que este é um paradoxo de todos nós. Todos aceitamos que buscamos nossos laços para ficarmos soldados a alguma coisa (com duplo sentido, por favor, sermos soldados de um laço) sem que essa solda vá nunca dar uma exata adequação entre o que a gente é, o que a gente faz e as pessoas que a gente encontra. Esse paradoxo é o de nossa errância de sujeito, somos todos um pouco *homeless*.

Por isso, elas estão sensíveis para a dificuldade primeira sobre a história que vão contar: quem fala?

Tem o registro do prontuário, boa parte dessa história é desse registro ou é a família que conta. Ele fala, mas ele fala tão pra lá e pra cá, às vezes tão repetitivamente, poucas coisas.

Elas percebem que o relato delas está completando lacunas, de alguma maneira com as outras informações. É uma história que vai sendo tecida coletivamente na instituição. Essa história é necessária, mas temos que tomar muito cuidado com ela porque pode ficar congelada, representando o sujeito em bloco, soldado.

Não corremos muito este risco, vocês não correm porque por mais que os sujeitos fiquem apagados por histórias fechadas há sempre o ponto cego dos atos, os atos infracionais. A pior maneira de tapar a lacuna do sujeito é com seus atos, é fazer o sujeito ser representado pelos seus atos. Para sempre “bandido”, ou aquele que fez isso ou aquilo. E ainda é possível fazer isso em uma versão simpática, o perigo também é a gente completar essa história com o porquê dos atos e fechar tudo de novo. A tudo isso que elas dizem que não.

Elas dizem: “João vai tecendo sua história de vida e onde encontra lacunas ou marcas muito dolorosas as preenche com retalhos suturados frouxamente”. No trabalho cuidadoso com João, vai-se preenchendo esses vãos, frouxamente. Então tem lugar para tudo, o ponto cego, os atos infracionais, fragmentos de história e ele.

A ideia seria tentar colocar na história algo que não seja apenas marcas muito dolorosas. Avançando um pouquinho, aparece no texto onde estão esses pontos dolorosos. Eles estão numa espécie de repetição, de abandono, cito outro belo parágrafo delas: “Ao que tudo indica, a história familiar de João o marca profundamente. A negligência materna transmite ao jovem o abandono e a falta de referência. Onde ele espera ser acolhido, encontra sempre negligência e boicote”.

A tese seria: os atos estão agindo aquilo que é a vivência fundamental dele, de abandono. Então abandono seria o nome dessa repetição, que não pode se subjetivar e aparece, então, como ato.

O que todos querem é que ele pare com esses atos e a gente se pergunta, agora que já sabemos da causa, e que já mudamos nosso agir com ele e até mesmo já mostramos para ele o quanto ele está agarrado nesse abandono porque que ele não muda? Esse é ponto do sujeito como ponto de nossa impotência. As autoras estão conscientes disso e preservam este espaço, não estão na onipotência.

### III

Vamos deixar o sujeito como ponto de impotência do Outro e vamos comparar agora com o outro relato.

Aqui busca-se um encontro que possa se dar, mesmo se dentro da instituição, fora da história institucional e social do sujeito. Se não totalmente fora, é impossível, pelo menos o máximo possível. E fora da exigência em dar sentido ao ponto cego na história do infrator que são seus atos infracionais. Sem querer transformar esses atos em saber ou subjetivação.

Não estar diretamente comprometido, pelo menos não da mesma maneira, com uma mudança de posição em direção ao que se espera (de um cidadão) constitui a diferença dessa posição. Estar mais comprometido com o furo do sujeito do que com as necessidades do Outro poderia ser uma definição do lugar do analista.

Aparece, então, um histórico parecido, não há essa diferença toda. Mas se aparecer alguma coisa nova a partir da intervenção da Mariana não é tanto porque ela é isso ou aquilo, mas porque ela está em outro lugar. E é bom também lembrar que, mesmo desse tal lugar analítico a gente também, como todos, está no espaço coletivo. Não há analista sem Outro.

João fala com ela e aí aparece uma “equação”. Os dois termos, que chamamos significantes, “Abandonado” e “Menor”. “Menor” é aquele da tatuagem *Menor toca terror*. Foi um lugar pra ele forte, de posição, de identificação, vinculado à violência, claro. Pena que sim.

Ela destaca a cena dos meninos com urubus e este alguém que se faz como “menor” não como adjetivo, mas substantivo, o menor do horror, que violenta o boy da Savassi. Esse aí virou homem por si mesmo, com essa equação subjetiva com que ele se constitui.

Até agora, nada tão novo, mas mais no detalhe. Fica mais claro como ele é homem que se fez por si mesmo, sem ter passado pelo que seria alguma herança. Por isso mesmo ele não pode ser filho e também não pode ser pai. A diferença entre gerações está apagada. Quando Mariana diz então “pontuo que uma criança de dez anos precisa de orientação do adulto”, se ela mesma indica que isso não faz sentido para ele, para que dizer? É mais um desejo nosso do que uma realidade. A gente gostaria que ele percebesse a diferença, que ele agisse em relação à diferença criança adulto, mas não será assim, como ele diz: “Comigo é diferente, eu já era um homem”.

Em vez de tomar isso como um dado, a gente tende a dizer “ele está negando, denegando o fato de que precisa de alguém, todo mundo precisa”. Talvez, mas mesmo que haja esse sentimento em algum lugar, isso não vai mudar o fato que quando for preciso, ele não vai buscar ninguém. Ele é homem por si só.

Daí vem a dificuldade de fazer com que ele seja pai, se imaginar, por exemplo, como um adulto responsável, que tem gente que depende dele ou então como um filho que teria dependido de alguém, isso não pega, não cola. As intervenções que vão no sentido de tentar mostrar a diferença de gerações, funcionam limitadamente.

Até aqui, foi outra via para chegar no mesmo ponto do outro caso, o do abandono. Toda uma parte da análise, do encontro analítico com a pessoa, traz mais informações, afina o diagnóstico já dado, mas se não trouxer nada a mais chega no mesmo lugar de impotência. O “a mais”, para mim, é tomar essa equação como um dado. Não querer corrigi-la.

Em vez de “fui abandonado, depois me virei”, partimos do “me virei”. O abandonado não fala e se falar, é por atos, fora da situação, fora do espaço de sujeito. Esse é o problema. Já a cena das crianças com urubus, muito forte, não está sendo contada para que se tenha pena dele, de um abandonado. Ela afirma um lugar de sujeito como menor-homem.

Devo estar fazendo literatura demais, mas como estou lidando com textos continuo.

O problema é esse: se escolhermos lidar com o “abandonado” estamos fora do espaço subjetivo, se lidamos com o “homem” a violência e as ações infracionais parecem ser o único modo de vida. O que fazer?

Bom, não como solução, mas talvez como contribuição da minha experiência, proponho que paremos um minuto na ideia da repetição. A ideia de alguma coisa da gente que se repete, que não responde à conversa porque parece não se encadear com nada não é tão longe da prática, digamos, da psicanálise clássica.

#### IV

Toda uma parte da análise é decantar, cristalizar e reduzir coisas que nos incomodam demais e que se repetem. Se encontro em toda esquina um chefe que não suporto porque é muito violento, por exemplo, quando essa repetição se apresenta na análise, vai aparecendo que todos eles remetem ao pai, ou a um padrasto terrível.

Nessa redução, melhora minha situação no trabalho e não serei mais despedido. É, mas a figura do pai ou do padrasto continua lá me atormentando. Minha vida mudou, mas esse ponto marcante não cedeu.

Essa primeira parte da análise, esquematicamente, muda a vida. Para quem está de fora parece que me curei de uma repetição. De verdade sim, me curei, minha vida está melhor, mas agora estou carregando comigo um pai terrível. O que fazer? Esse é o paralelo com a situação do João. Uma análise em algum momento vai ter também que lidar com uma coisa que parece um marco fundamental da história, fora dela. Uma espécie de trauma, que não aconteceu necessariamente, mas que é um marco zero.

No nosso jargão chamamos esse marco zero de *sinthoma* e dizemos que é o ponto zero da subjetividade. Reparem que ele não é um ponto cego como o sujeito. Sabemos que ele tem uma presença, uma inércia, vem sempre no mesmo lugar. E ele corresponde a um jeito de ser, a um gozo que se repete de um jeito que parece que não cede.

Assim, além do trabalho que a gente faz na cidade, também naquelas análises que caminham por anos e anos temos que dar um jeito com essa coisa. O modo como os analisantes deram esse jeito é relatado nos testemunhos do que a gente chama de *passe*. Não sei se todos conhecem, alguém vem contar o que fez com essa repetição e como, com isso, pôde deixar seu analista cair. Estou muito envolvido com isso neste momento e aproveito para lembrar que tem alguma coisa da psicanálise, mesmo naquela dita pura, que envolve a mesma dificuldade com algo “fora da história”, insensível aos sentidos e leituras nossas.

Por isso a ideia geral não é visar editar essa coisa que se repete, apagar ou colocar outra no lugar. Ao contrário, é torná-la disponível para outra coisa que não para a repetição do mesmo (tensão com o pai, no exemplo). Reconfigurando o espaço subjetivo liberar esse gozo para lhe dar um novo destino, um novo uso do *sinthoma*, que a gente chama de “fazer com”. É preciso arranjar um jeito de “fazer com” isso e não buscar interpretar.

Como seria algo parecido com isso no caso do João? Primeiro pensar que essa coisa, esse abandono, esse outro que abandona desde sempre e parece imutável, ele pode até se esvaziar, mas vai continuar lá. João sempre viverá com a marca do abandono. Só não precisa ser a marca carregada do sentido. Não é preciso ser triste. Não é preciso encenar todo o tempo um abandono. João não precisa ser sempre aquele que abandona o tempo todo ou que toma qualquer coisa como mentira e abandono pelo Outro.

Essa é a ideia geral. Essa é a chave, caso abra alguma porta. Vou tentar imaginar como seria. Provavelmente vocês vão me mostrar que isso tudo já foi feito, mas só para a gente pensar junto.

## V

O que vocês vêm fazendo é tentar encadear esse abandono com algo melhor, metonímia, nos termos de Lacan, ou colocar uma coisa no lugar dele, metáfora. Mariana tentou colocar

o termo “sozinho”: “Tudo bem, você é abandonado e aí você se tornou um sozinho. Você tem que se virar sozinho”. Bem melhor, porque ao invés de abandonado, agora ele pode ser um sozinho. Funciona, mas a gente tem a impressão de que alguma coisa, um grau zero do abandonado continua lá. Minha proposta seria a de não necessariamente colocar uma coisa no lugar do abandonado, mas buscar o que desse abandono nada tem a ver com alguém que abandona. O abandono não precisa vir sempre com a ideia de que alguém o abandonou. Dito em meus termos, há alguma coisa nesse abandono que não tem relação com o Outro, nem com o sujeito, mas com um resto, só marca, que Lacan chama *objeto*.

O objeto aparece com relação à oralidade neste caso. Não foi só que a mãe era relapsa porque tinha as coisas dela e por isso se foi. Ela tinha uma ligação com a droga muito especial e o pai tinha uma ligação com a bebida muito forte. Tem toda a ideia que eles eram um Outro desinteressado, que estava em outro lugar, mas eles estavam interessados em um gozo que valia mais do que a criança. Então tem alguma coisa, vamos dizer assim, como uma fixação oral no ar.

Ainda é um modo de pensar o sujeito João com relação ao Outro, mas se focalizamos no objeto, vemos não só que ele, João, está marcado por ele, mas que *menor, abandonado, homem*, em todas essas identidades que lêem o modo como o Outro o marcou e fez dele o que é, tem também um modo de gozar que passa nesta marca e que é dele e não do Outro. E esse modo é o do objeto oral.

A gente fica tão preocupado com a família, que esquece que pensar no que essas pessoas estavam fazendo do lado dele. Ele diz: “minha mãe não prestava, ela ‘dolava’ na minha frente ou fumava crack na minha frente”. “Meu pai bebia, então não podia se confiar nele”.

Destaca-se a mentira e a trapaça, mas também que se o Outro é trapaceiro, é porque é muito agarrado neste gozo. É minha sugestão. Tentar pensar não só o abandono, mas como ele está sempre ligado a um pegar, consumir e depois devolver ou não devolver, se apoderar, se apropriar, jogar fora. Essa dinâmica é uma erótica oral que está sempre um pouco no ar.

A partir daí pode-se perguntar de que maneira ele poderá *fazer com* essa coisa que aparece como oralidade e como podemos nos colocarmos como parceiros disso. Em vez de perguntar por que, quando o professor faltou ele não foi ao curso de culinária, que nos levará à trapaça e ao abandono do Outro, que tal nos interessarmos também no porquê da culinária.

Se nos interessamos pela relação comida e João aparece, por exemplo, uma história que ele conta sobre isso que é claramente uma história fantasiosa. Mariana a chama de história fantasiosa, mas ele chama de história espetacular.

Então quando ele fala que foi ao *Mc Donalds* e isso é mentira, é ótimo, a gente vai saber mais. Porque ele podia ter contado qualquer história, ele poderia ter ido sei lá para onde, pra Mônaco, ou então pra uma indústria ou ganhado dinheiro com quem que fosse. Ele podia ter isso pra Savassi na história dele e na Savassi ter ido para uma farmácia, ao invés de ter ido para o *Mc Donalds*. Então, isso tem um valor a mais.

A história espetacular é louca, mas ela o coloca em cena como? Ele vai trabalhar no *Mc Donalds*. Depois ele fala também que ele quer trabalhar no *Mc Donalds*. Por que ele quer trabalhar no *Mc Donalds*? Poderia ser um interesse. Pode não dar em nada, mas pelo menos a gente poderia pensar que alguma coisa de fazer comida, fazer culinária, essas coisas, isso envolve um gozo que não passa muito pelo sentido do abandono.

Ele vai acabar encontrando o Outro da trapaça e abandono. Quando estiver no *Mc Donalds*, um chefe vai tratar ele mal, ou uma mãe vai abandoná-lo. Mas se encontramos os significantes que marcam a relação oral e contarmos com eles talvez esse Outro não ganhe a parada como até aqui.

Essa que é a ideia. A relação com o objeto pode fazer a pregnância do Outro empalidecer. Numa análise às vezes é preciso anos para isso, mas nesse caso, os outros são poucos e já são bem vazios. De meu ponto de vista, isso não é razão para a gente querer aumentar ou fortalecê-los necessariamente estes Outros. Não vai necessariamente acontecer. É buscar do lado do objeto, como é que esse objeto pode dar uma satisfação substitutiva ao abandono dele.

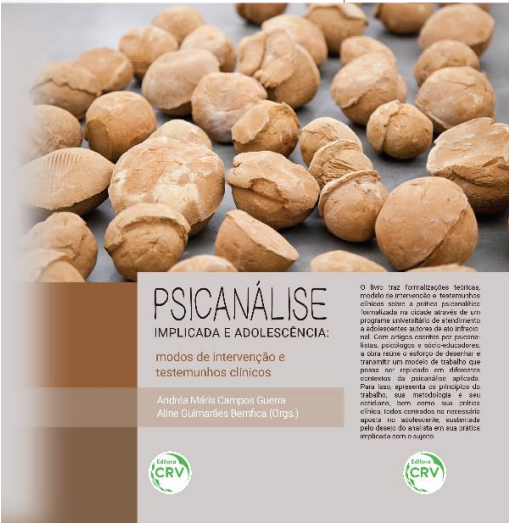
De todo modo ele tem claramente um destino construído como um destino sério, de prognóstico difícil, porque ainda por cima, ele já está cantando a pedra que o próximo na carreira: o próximo é a prisão. Por isso talvez valha tentar caminhos alternativos.

Lembrando que tem a música também. Aí já seria outro caminho, do objeto voz, que, para Lacan, é um objeto também. Mas vou deixar este de lado, só registrar a música que ele faz, um irmão que morre porque ele não reconhecia a voz. Também daria para tentar ver se daí sai alguma coisa que a gente possa articular.

Então, o esquema é esse. Abandonado, menor e na prisão não tem ninguém que olha por você. Mas alguém está olhando por ele agora. Vocês estão olhando, nós estamos olhando. Mas esse olhar, se a gente toma como objeto, é muito impregnado para ele de abandono. Ele está viciado neste olhar, mas é bom lembrar que ele também está de algum modo viciado no oral e no auditivo e podemos contar com isso. Vou parar aqui para a gente poder desenvolver melhor na discussão.

Muito obrigado.





# PSICANÁLISE IMPLICADA E ADOLESCÊNCIA:

modos de intervenção e  
testemunhos clínicos

Andréia Máris Campos Guerra  
Aline Guimarães Bemfica (Orgs.)

O livro traz formulações técnicas, modelo de intervenção e testemunhos clínicos sobre a prática psicanalítica formulada na cidade através de um programa estadual de atendimento a adolescentes atores de ato infracional. Com artigos escritos por psicanalistas, psicólogos e sócio-educadores, a obra trata o trabalho de terapia e transmite um modelo de trabalho que passa por: respeito, em diferentes contextos da psicanálise aplicada. Para isso, apresenta os princípios do trabalho, sua metodologia e seu cotidiano, bem como sua prática clínica. Todos criados na necessidade prática do atendimento, materializados pelo desejo do autorista em sua prática implicada com o sujeito.



<b>PARTE II</b>	
<b>TEMPO DE DIZER</b>	
CASO 1 – VERSÃO INSTITUCIONAL MEU FANTASMA SOU EU EM PEDAÇOS: como viver sem matar ou estar preso?.....	77
<i>Alessandra Cristina Silva</i>	
CASO 1 – VERSÃO JÁ É PRESO, VIVO OU VIVO, MORTO? PARADOXOS DE UMA POSIÇÃO NÃO DECIDIDA.....	87
<i>Helena Greco Lisita</i>	
CASO 1 – DISCUSSÃO APOSTA E DESEJO.....	95
<i>François Sauvagnat</i>	
CASO 2 – VERSÃO INSTITUCIONAL TIRARAM MEU FILHO DE MIM: “Eu quero morar é aqui?”.....	99
<i>Camila Campos Botelho Galan</i>	
CASO 2 – VERSÃO JÁ É TIRARAM MEU FILHO DE MIM.....	107
<i>Aline Guimarães Bemfica</i>	
CASO 2 – DISCUSSÃO ATUALIDADE DO PAI.....	111
<i>Mario Elkin Ramirez</i>	
CASO 3 – VERSÃO INSTITUCIONAL TOMOU, LEVOU “PERDEU A GRAÇA” : possibilidades de um reposicionamento frente à prática infracional.....	121
<i>Poliane P. Ferreira Azevedo</i> <i>Vitor Sales</i>	
CASO 3 – JÁ É A ‘ESCOLHA’ PELA IMPULSIVIDADE.....	129
<i>Paula Dias M. Penna</i>	
CASO 3 – DISCUSSÃO: o que pode um trabalho orientado pela psicanálise?.....	135
<i>Ana Cristina Figueiredo</i>	
CASO 4 – VERSÃO INSTITUCIONAL SOZINHO, MAS NÃO SEM O OUTRO: entre a rua e a “prisão”.....	139
<i>Cristiene Fernandes</i> <i>Cristiane Zeferino</i>	
CASO 4 – VERSÃO JÁ É VIRAR-SE SOZINHO, MAS NÃO SEM O OUTRO.....	147
<i>Miriana Aranha</i>	
CASO 4 – DISCUSSÃO ATO E SUJEITO.....	153
<i>Marcus André Vieira</i>	
CASO 5 – VERSÃO INSTITUCIONAL LIBERDADE: de que se trata? Apelo ao amor e ato infracional.....	161
<i>Taina Nara da Silva</i>	
CASO 5 – VERSÃO JÁ É DE QUE LIBERDADE SE TRATA?.....	169
<i>Guilherme Mendonça Del Debbio</i>	
CASO 5 – DISCUSSÃO POR UMA CLÍNICA NÃO ESTANDARDIZADA.....	228
<i>Marcos Ricardo Pereira</i>	
CASO 6 – VERSÃO INSTITUCIONAL SOBRE PAIS E PAZ: para além do pai.....	173
<i>Vanessa do Carmo Ferreira de Souza</i>	

<sup>1</sup> Cf. Lacan, J. *O Seminário, livro 10*, Rio de Janeiro, JZE, 2005, p. 20. Cf. tb. Vieira, M. A., “O catálogo e a chave: sujeito da ciência e sujeito do inconsciente”, *Opção Lacaniana*, v. 21, São Paulo, EBP, p. 84-87, 1997.